Brasília, 21 de maio de 2015.

Cláudio Maretti - Discurso de posse como presidente do ICMBio

Muito obrigado pela presença de todos.

Muitíssimo obrigado, senhora ministra Izabella Teixeira, pelo convite, o que representa confiança e desafios em mim depositados para liderar este instituto de conservação da biodiversidade, parques e reservas.

A orientação que recebi da senhora, como eu a entendi (sempre pronto a ajustar), e o que pude recolher da presidente, inclusive ontem no Palácio do Planalto, é para dar mais relevância à biodiversidade, simplificar processos para ganhar mais eficácia, inclusive na conservação e no desenvolvimento, além de ir ainda mais a fundo na estruturação estratégica, coesão técnica e respeitabilidade ao nosso instituto (já agora nosso instituto), nacional e internacionalmente. É fundamental que a biodiversidade, e o seu conhecimento, as unidades de conservação e o próprio ICMBio estejam mais integrados com a sociedade brasileira e a serviço do desenvolvimento sustentável.

Agradeço ao Vizentin pela abertura e gentileza na transição. Agradeço a todos presidentes anteriores, incluindo Vizentin e

Rômulo, e diretores anteriores, mas também aos servidores e colaboradores, e não só do ICMBio, nestes últimos anos, mas também das estruturas que o precederam nas suas tarefas (ao Ibama, com Direc e CNPT e outras unidades, ao IBDF, à Sema, etc.) e todos que ajudaram na construção de um dos mais significativos sistemas de áreas protegidas do mundo.

Acredito que posso contribuir. Mas só sei fazê-lo, respeitando, agregando, contanto com apoio da sociedade (apoio esse que deve ser cotidianamente conquistado), indo além a partir do que vocês e outros já fizeram.

Minha decisão, em aceitar este desafio, não foi racional, foi física ou da alma. Senti que deveria aceitar o desafio e procurar dar minha contribuição desta vez.

Em mais de 33 anos desde formado, minha carreira tem sido diversa (governos, cooperação internacional, sociedade civil, empresas, voluntariado...) e tem evoluído, acredito. Mas o tema principal tem sido as áreas protegidas.

Alguns dos meus orgulhos incluem ter contribuído com o fortalecimento e integração de unidades de conservação na Região Estuarino-Lagunar de Iguape-Cananéia, ter ajudado a avançar os procedimentos e a elaboração de planos de manejo no

Estado de São Paulo, ter dirigido e cuidado quase diretamente da área mais protegida da Mata Atlântica, ter contribuído com a criação do sistema de áreas protegidas da Guiné Bissau e ajudado a criar e gerir reservas da biosfera e parques nacionais, ter contribuído com a Reserva Marinha de Galápagos, ter participado em avaliações específicas e regionais de sítios do Patrimônio Mundial, ter liderado o Comitê Estadual da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica em São Paulo, ter contribuído com a implementação e consolidação do Arpa (Programa de Áreas Protegidas da Amazônia), ter colaborado com a visão pan-amazônica de áreas protegidas, unindo os nove países – quando colaborei com a ministra Izabella Teixeira para receber os ministros de meio ambiente dos demais países amazônicos, na CDB CoP-10, em Nagoya (tendo eu sido reconhecido no ano como um dos 100 brasileiros mais influentes, pela atuação em defesa da biodiversidade, suponho que pela preparação e na CoP-10), ter trabalhado muito de perto das comunidades locais em algumas circunstâncias, inclusive ajudando na proposta de criação de reservas extrativistas, na Amazônia e fora dela. (Coisas que permitiram que eu fosse agraciado com o prêmio Fred Packard, que eu considero o "Nobel" das áreas protegidas, no Congresso Mundial de Parques em 2014, na Austrália.)

Enfim, creio que tenho conhecimento, contatos e vontade. Espero conseguir estar aberto para receber e motivar interações para

podermos ter a dedicação, interlocução, estratégias, respeito mútuo, colaboração, parcerias que precisamos. Dentro e fora do instituto.

Desde que o convite foi anunciado pela ministra, venho conversando com muita gente, por todos os meios possíveis. Neste momento me interessam mais as percepções e sentimentos das pessoas sobre a importância da biodiversidade, o significado das áreas protegidas e este ICMBio.

É muito interessante que as respostas vão muito além do técnico, mas representam modos de ver e entender distintos e legítimos. A sociedade preza a biodiversidade, defende a natureza e quer boas unidades de conservação, mas também, ou sobretudo, porque elas representam paz, liberdade, saúde mental e física, lazer, prazer, reconexões com seus íntimos, adoração divina... Porque somos parte da natureza. Porque a biodiversidade é parte de nós.

E esses, com toda a sua diversidade de percepções e interesses, são os nossos aliados, para que a natureza, os parques e reservas sejam melhor apropriados e defendidos pela sociedade... Começando pelos usuários diretos e diretamente interessados, como os extrativistas, as universidades, os alunos, os turistas, as empresas... Indo a todos beneficiários, que são dominantes no seio da sociedade, ainda que de forma inconsciente.

Entendo que devemos trabalhar para servir a sociedade e nos abrindo a ela. Nossa missão é a conservação da biodiversidade e a contribuição ao desenvolvimento sustentável. Foi a sociedade que assim o definiu e creio que é isso que ainda espera de nós.

Nosso principal resultado concreto, meio de entrega principal são as unidades de conservação federais, cumprindo os objetivos para os quais foram criadas, dentro do sistema articulado de objetivos, metas, funções, interações e resultados.

Uma das formas principais é tendo clareza e contribuindo para as metas internacionais das quais o Brasil compartilha e metas nacionais definidas pelo país, como as Metas Aichi e as deliberações da Conabio e os prováveis objetivos de desenvolvimento sustentável.

Temos que ter a noção de sistema de áreas protegidas, ainda que nossa responsabilidade direta seja o (sub)sistema federal. Cada unidade de conservação, cada UC, deve se inserir e se integrar na paisagem e deve fazer parte dos sistemas de áreas protegidas. Todas as categorias do Snuc são para conservação da natureza, mas cada uma tem objetivos complementares (pesquisa, educação Ambiental, visitação, turismo, uso sustentável, extrativismo, manejo florestal...) É por meio de um conjunto harmônico e

funcionamento como sistema que entregamos o que a sociedade quer e merece.

E precisamos inovar. Integrar melhor o conhecimento, do instituto, dos centros, e da academia, das comunidades locais, a ciência e o saber tradicional, nas diretrizes e gestão. Integrar mais a biodiversidade no desenvolvimento. Integrar as unidades de conservação às pessoas, à sociedade.

Esses elementos, princípios ou premissas, já são o produto da interação inicial com o Ministério do Meio Ambiente, com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Natureza e atores externos, da sociedade, nas últimas semanas.

É com orgulho que agora, já caminhando para o final da minha carreira, me uno à equipe dos servidores desta casa, que tem muito conhecimento, dedicação e muita vontade. Vamos valorizar, buscar melhor capacidade e eficácia. Vamos trabalhar juntos.

Orgulho pelo nosso sistema nacional de unidades de conservação e o papel do ICMBio dentro dele. Orgulho pelo diagnóstico da fauna, e a contribuição à lista de espécies ameaçadas. Dois ativos, produtos ou resultados dos mais importantes na escala mundial.

Obviamente eu venho com a responsabilidade de liderar esta organização e espero que, por exemplo, possamos servir de referência a outros subsistemas no Brasil e juntos, sob direção do MMA, sermos referências a outros países, ao mesmo tempo que nos abrimos para aprender do positivo que outros sistemas nacionais tenham para nos apresentar. Ou seja, estamos interessados em intercâmbios, sobretudo com países vizinhos, com quem compartilhamos biomas ou ecossistemas, mas também com quem tenha experiências comparáveis e complementares.

Mas não será possível exercer uma liderança saudável, servidora, sem uma equipe, considerando não só os diretores, mas também as demais autoridades, membros do Comitê Gestor e outras autoridades do primeiro nível (abaixo de mim), e os coordenadores regionais (que respondem a mim), mas também os demais coordenadores e outras autoridades internas, formando um grupo de liderança ampliada, uma liderança servidora, para que as equipes das unidades de conservação e dos centros de pesquisa e conservação possam entregar seus resultados. Resultados que ou serão coletivos, incluindo prioritariamente “as pontas”, os “fronts”, as áreas meio, quem ajuda a fazer os caminhos... Ou não existirão.

Já iniciei uma série de reuniões internas, para me apresentar e ouvir, e começarmos a construir a estratégia desta gestão e o

grupo de liderança. Estou propondo 60 dias para esse processo. Gostaria de poder me reunir já na próxima semana com representantes dos servidores, por meio de suas organizações e associações – como a confederação Condsef, o sindicato Sindsep, as associações Ascema e as Asibama's, e eventuais demais representações. E seguir nas interações com a casa, aqui na sede e uma cuidadosa programação de viagens, mas muito uso da videoconferência (para economia de tempo, combustíveis, dinheiro, carbono...). Como não será possível visitar todas as áreas e unidades mais avançadas, uma proposta quem e foi feita é a reunir por videoconferência com as equipes todas de uma região a cada mês, rotando as regiões.

Também já venho conversando com alguns colegas para verificamos a situação e vermos o que pode ser possível fazer para melhorar a comunicação interna, para sermos uma instituição mais coesa, inclusive compreendermos as realidades de cada um dos nossos "fronts" – nas unidades de conservação, nos planos de ação para proteção de espécies, em Brasília, junto a instituições locais, etc.

Consolidação de UCs, planos de manejo, regularização fundiária, complemento da representação ecológica (por meio criação de novas unidades de conservação e outros meios), abertura de mais alguns parques ou melhoria das condições de visitação de

algumas UCs, diretrizes especiais de gestão para UCs urbanas, melhoria das pesquisas, consolidação da gestão sustentável por comunidades locais, extrativistas (condições de vida, cadeias produtivas, responsabilidades de conservação), são algumas das frentes nas quais deveremos avaliar e definir prioridades dentro da estratégia desta gestão para entregar produtos concretos nos próximos anos e diretrizes futuras.

Nosso papel é conservação da natureza, mas temos que entender que para muitos grupos sociais isso não se separa de sua cultura e até de suas definições étnicas.

A biodiversidade deve ser a orientação principal, por meio dos centros de pesquisa e conservação, mas também integrando transversalmente o instituto, as diretorias, as coordenações regionais, as unidades de conservação, os centros, etc.

Mas, sozinhos não conseguiremos. Precisaremos aumentar e sobretudo melhorar a interlocução com a sociedade, interlocução nos dois sentidos, ouvir e falar, além, e fundamentalmente, de reflexão, de crítica, de construção conjunta de estratégias, de parcerias. E agir! De preferência em integração com outros. Para que possamos nós cumprir com nossas responsabilidades. Para que, na sociedade, cada um faça possa fazer a sua parte. (Todos pelos parques! Parques e reservas para todos!)

Isso significa que teremos que ser coesos também ao redor de uma boa (sub)estratégia de comunicação, mas que teremos todos nos que sermos um pouco comunicadores em cada ato, em cada conversa, em cada reunião, em cada apresentação, inclusive fazer o melhor uso de mim como relações públicas deste instituto, sem deixar de respeitar as orientações dos especialistas na área.

Seguiremos juntos com o MMA e as demais instituições vinculadas. Seguiremos as orientações da ministra e da presidente. Seguiremos ouvindo a sociedade e atuando com ela.

Obrigado ICMBio, obrigado sistema nacional de meio ambiente. Obrigado sociedade civil. Obrigado academia. Obrigado ministra.

Contém comigo. Conto com vocês, todos vocês.

Eu e minha neta, Namie, de 9 meses. Representando não só as gerações futuras, mas elas no presente.